



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6432 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

VER A CIDADE: AS PRAÇAS DE SUCATAS, AS CRIANÇAS E SUAS APRENDIZAGENS

Marilete Calegari Cardoso - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA
 Agência e/ou Instituição Financiadora: Não

VER A CIDADE: AS PRAÇAS DE SUCATAS, AS CRIANÇAS E SUAS APRENDIZAGENS

- GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

RESUMO

Este trabalho é um recorte da pesquisa “O suco da sucata”, que investiga a potencialidade dos materiais não estruturados para as crianças, em espaços públicos da cidade de Jequié- BA. Analisa-se a constituição de duas praças, de iniciativa comunitária, construídas com sucatas, para as brincadeiras das crianças, bem como para interações entre os adultos da comunidade. A pesquisa ancora-se na abordagem qualitativa sendo que os dados foram levantados por meio de aplicação de questionário (*online*), via e-mail, a duas cidadãs, idealizadoras de praças de cunho lúdico/comunitário. A análise evidenciou que as praças (Amigos da Praça e a Praça do Amor) construídas com brinquedos de sucatas nos espaços públicos da cidade de Jequié-Ba, se constituem um lugar de brincadeira e aprendizagens às crianças, como também um espaço de aprendizagem coletiva, intersubjetiva e ambiental para os adultos.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa, em desenvolvimento, “O suco da sucata”, que investiga a potencialidade dos materiais não estruturados, para produção de brinquedos e brincadeiras para as crianças, em espaços públicos da cidade de Jequié- BA. Com esse propósito, o trabalho procura contribuir com a discussão acerca das praças comunitárias construídas com sucatas, aproximando-se de suas práticas e cotidiano, bem como, das pessoas que contribuem para a materialização de propostas de espaço lúdico, educador e

sustentável, o qual a centralidade do brincar das crianças seja compreendida como tônica da cidade.

A cidade de Jequié fica situada a 365 km de Salvador, no sudoeste da Bahia, na zona limítrofe entre a caatinga e a zona da mata e tem uma população de 151.895 habitantes. Até duas décadas atrás, os prédios arranha-céus não se faziam presentes em seus espaços, na qual os raios do sol entravam pelas portas e janelas das casas, sem pedir licença. Um lugar rodeado de morro e de muito calor, e, por conta das altas temperaturas que comumente se registra, a cidade ficou conhecida sob o cognome de “Cidade do Sol”.

Observa-se que da cidade supracitada, a pouca arborização e a crescente urbanização, acarretam uma série de problemas sociais (moradia, saúde, educação, alimentação, lazer etc.). As praças públicas nos pontos centrais de Jequié, por exemplo, não oferecem sombras e tem comprometido a quantidade e qualidade de seus espaços livres e áreas verdes para o público infantil. Outra problemática perceptível é a ausência de praças e diversão nas casas e nos bairros periféricos da cidade. Visto que, espaços de lazer estão abandonados, servindo de abrigo para andarilhos e usuário de drogas. Para Sarmiento (2016, p. 5) “a vida das crianças nas cidades é afetada pela organização dos espaços urbanos, [...] nomeadamente nos âmbitos da educação, da proteção contra o perigo, do lazer, da saúde etc., da cultura”. O autor citado complementa “[...] as crianças vivem a cidade à sua maneira e debaixo das condições que lhe são proporcionadas pelas políticas urbanas e pelos constrangimentos e possibilidades oferecidas pela organização da cidade [...]” (IDEM).

Na busca de soluções para os problemas levantados, moradores de comunidades e ruas vem construindo locais públicos seguros e protegidos, onde crianças e adultos possam passar o tempo livre com tranquilidade e prazer. Esses espaços públicos de lazer são denominados por Nunes (2011, p. 166), como “praças comunitárias específicas”, e definidas como espaços preenchidos e/ou frequentados por determinados grupos sociais, que podemos chamar de identidades comunitárias. Vale dizer que, algumas dessas praças comunitárias da cidade de Jequié foram produzidas com sucatas.

Neste sentido, este estudo investiga os espaços públicos (praças), construídas com sucatas, na cidade de Jequié-Bahia, para as brincadeiras das crianças e a relação desses ambientes com a participação e difusão da cultura lúdica infantil e, também, da comunidade. Levantando as seguintes indagações: De que maneira se constituíram duas praças públicas e lúdicas, de cunho comunitário, da cidade de Jequié-BA? De onde partiu a ideia de construir essas praças? Quais os brinquedos de sucatas existentes nesses espaços públicos? Para esses pontos deixarem de serem obscuros (LEFEBVRE, 2006), busca-se as narrativas de pessoas que frequentam e conheçam esses espaços públicos, e que irão esclarecer como aconteceu a construção dessas duas obras da cidade.

A pesquisa empírica tem seu início em setembro 2019, na qual toma espaços públicos de lazer que foram construídos com materiais não estruturados (sucatas), na cidade de Jequié-BA. A metodologia de pesquisa utiliza os dados iniciais coletados em duas praças da cidade: Praça da Amizade (Urbis I) e Praça do Amor (Loteamento Vicente Grilo), ambas localizadas no bairro Jequezinho. Dos dispositivos utilizados, até o momento, foi o questionário online respondido pelas idealizadoras e administradoras das praças (histórico da construção do espaço, aspectos físicos, uso e apropriação dos espaços infantis; localização; equipamentos, dias/horários de funcionamento e usuários). Além disso, registros fotográficos das pesquisadoras e, também, os registros cedidos pelas entrevistadas.

Para este trabalho, propõe-se imergir no pensamento acerca de uma alternativa de cidade, essa se acolhe no fulcro das discussões de Lefebvre (2006, 2008), que transita numa abordagem utópica onde as pessoas são capazes de criar e recriar, buscando alternativas para

romper ou transgredir modelos de vida que aprisionam pessoas, sejam elas, crianças, jovens e adultos, entre muros. Neste trabalho, portanto, será discutido uma breve reflexão acerca do termo “suco da sucata” e a potencialidade destes materiais não estruturados nos espaços urbanos da cidade e para o brincar das crianças. No segundo momento, será analisado como vem se constituindo as propostas e práticas existentes de praças comunitárias com sucatas na cidade de Jequié- BA, planejados para o uso infantil e ocupados com crianças e adultos.

2 O SUCO DA SUCATA: PRODUÇÃO DE BRINQUEDOS E O BRINCAR DA CRIANÇA NAS PRAÇAS COMUNITÁRIAS

“O suco da sucata”, neste estudo, está relacionado ao campo semântico da palavra “suco”. É uma palavra masculina substantiva, cuja origem etimológica, do latim *summus*, que significa o extremo, a essência, ou mais importante. Em relação ao termo sucata – compreende-se, aqui neste estudo, como materiais não estruturados ou “qualquer coisa que perdeu seu uso original, que não serve mais ou que não tem mais significado [...] Coisas aparentemente inúteis, mas que servem para brincar, para dar nova forma e novo sentido. (sucata é tudo é nada)” (MACHADO, 2001, p. 67). Quando combinado a sucata, com a arte e o lúdico, esse sentido remete para o a ideia de artefatos, cujos objetos recicláveis são manuseados por pessoas (artesãos e crianças enquanto brincam), dando novos sentidos, por aqueles ou aquelas que produzem ou criem algo, pode gerar prazer e pode garantir este sabor no ato de reinventar, criar e compartilhar.

Vale dizer que, a reutilização de materiais têm em sido amplamente praticada por artistas e diversos setores da sociedade, mas contraditoriamente ainda tem uma presença tímida nas escolas e praças – espaços fundantes de cidadania, de aprendizagens éticas, culturais e sociais. Por isso, cada vez mais os centros urbanos e comunidades têm encontrado soluções criativas para o reaproveitamento de seus materiais, devido a uma necessidade de dar vazão ao “lixo” que a sociedade produz. Uma cidade urbanizada, aqui, compreendido como um lugar habitado em suas periferias, comunidades e lugares afastados dos centros comerciais, - é um espaço produzido com materiais retirados da natureza. É “de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas” (LEFEBVRE, 2008, p. 105).

Compreende-se que, particularmente na infância, o brincar retrata a relação entre subjetividade e objetividade, já que a criança cria um leque de oportunidades de experimentar a liberdade expondo seu potencial criativo, na medida em que ela pode transformar a realidade pela percepção singular imaginativa, revelando o impacto daquela experiência sobre a formação da consciência de si e do outro. Pode-se dizer que o brincar é um reflexo “da própria criança, do lugar que ela ocupa e da relação que ela mantém com o mundo” (BROUGÈRE, 2004, p. 14). Trata-se da diversidade de coisas que se realiza reelaborando sentidos e significados para aquele momento que vivencia.

Contudo, há uma negatividade constituinte da infância, que, em larga medida, sumariza esse processo de distinção, separação e exclusão do mundo social. A palavra de origem latina infante (não falante), conforme Sarmiento (2005), já revela o papel silenciado reservado às crianças. Nesse sentido, é fundamental avaliar a relevância e as possibilidades da ludicidade na configuração de espaços público e participação infantil na vida social e nestes territórios. Pois, mais do que uma questão de infraestrutura, a qualidade dos espaços de

brincar e lazer numa cidade, está relacionada com a interpretação que o município dá a essas indispensáveis alternativas para a formação humana. Assim, brincar com brinquedos feitos de sucatas potencializa a criança experimenta a essência do ser/estar-junto-com, além de ser um caminho para uma educação ambiental mais consciente. É por meio do brincar que elas adquirem experiências e desenvolvem seu conceito sobre o mundo, pois trata-se de uma ação que as motiva a explorar, experimentar e a recriar.

3 RESULTADOS INICIAIS DA PESQUISA

Praças comunitárias feitas com sucatas na Cidade Sol/ Jequié: como surgiram? de onde partiu essa ideia?

Para as pessoas viverem em lazer, em especial, as crianças brincarem, elas “precisam de uma cidade, porque os ambientes para brincar devem poder crescer com as crianças [...]” (TONUCCI, 2020, p.250). As pessoas necessitam de espaços públicos que lhes ofereçam experiências de diversas, por meio “de atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas” (LEFEBVRE, 2008, p. 105). As praças comunitárias são representações de comunidades que reúnem grupos sociais, e, de acordo com Lefebvre (2008, p. 19), “se representam a si mesmas através daquilo que lhes falta ou acreditem faltar. Nesta relação o imaginário tem o poder mais forte”. Desvendar e escrever histórias de obra “super- sensível e transcendentem na aparência [...] ela se sustenta, encarna-se; projeta-a [...]” (LEFEBVRE, 2008, p. 52). Desse modo, apresenta-se, a seguir, as narrativas de duas idealizadoras, de bairros diferentes, que projetaram e mobilizaram as pessoas, para que, voluntariamente, contribuíssem à materialização de suas propostas.

Conforme as palavras de Cíntia Soares, bióloga e, também, Presidenta da Associação Amigos da Praça (AAP), a primeira praça comunitária de sucata da cidade de Jequié – é a “Amigos da Praça”, localizada na Urbis I (Casa Populares), no bairro Jequiezinho.

O projeto Amigos da Praça foi fundado no ano de 2014, o cenário da praça era de um local abandono e propício para depósito de lixo. [...] o projeto colocado em prática na praça é pioneiro, tornou-se referência na cidade de Jequié, podendo servir de exemplo para ser aplicado em outras praças do município. [...] A ideia partiu dos anseios e sonho da comunidade em cuidar de um espaço estava abandonado e estavam cansados de esperar pelo poder público. [...] Atualmente, o projeto é formado por 21 famílias totalizando aproximadamente 80 moradores de todas as faixas etárias, com o êxito do projeto fundamos a Associação Amigos da Praça. (Cíntia Soares, 20/07/2020)

A segunda praça comunitária chama-se “Praça do Amor”, idealizada por “Dona Cida”, como é chamada pelos moradores da comunidade. A Praça do Amor, fica localizada no Loteamento Vicente Grilo, também, no bairro Jequiezinho -Jequié-BA. Conforme a história da senhora Cida, o anseio para ter uma praça ecológica surge de uma pessoa, que após as primeiras iniciativas de mudança do espaço público abandonado, mobiliza a comunidade para a construção da praça de sucatas.

A ideia começou para ter um local para as crianças brincarem. [...] Está pracinha

começou sem projeto, eu me incomodava com o matagal que formava na frente da minha casa, era uma área desperdiçada que sentir a necessidade de fazer alguma mudança para as crianças brincarem e aproveitar o espaço. (Cida/ 14/julho, 2020)

Pode-se perceber pelas narrativas das idealizadoras Cíntia e Cida, que ambas praças comunitárias foram concebidas pelo desejo de transformar um lugar abandonado num espaço de lazer. Lugares lúdicos que nascem do anseio de uma pessoa, pela qual conseguiu mobilizar os moradores para construir um espaço de lazer e diversão, garantindo tanto as crianças, quanto aos adultos, um espaço de brincar, com uma organização e estrutura bem peculiar. Como foi o caso da experiência da idealizadora Cida, da Praça do Amor:

[...]comecei mandando limpar um pequeno quadrado bem na direção da minha casa, consegui alguns pneus e eu mesma com meus netos e outras crianças começamos a pintar. Os vizinhos gostaram e virou tipo a corrente do bem. Um amigo de um vizinho viu doou o balanço de eucalipto e pneu. Meu neto mais velho junto com outras pessoas que doaram que fizeram os buracos e colocaram o balanço no lugar. Depois, todos outros vizinhos começaram a ajudar isso aproximou a comunidade. Com isso, nossa praça foi denominada de Praça do Amor. (Cida/ 14/julho, 2020)

É conveniente ressaltar a importância desses terrenos baldios, que necessitam, nada além de limpeza, mas que podem assumir para a criança ares de mistério e aventura. Por isso, tanto a praça Amigos da Praça, quanto a Praça do Amor, são praças comunitárias que transformam o espaço público com o reaproveitamento de sucatas e associam, para Lefebvre (2006), com certeza, mais que um cenário, pois “[...] cada detalhe, cada objeto da natureza se valoriza tornando-se símbolo (o menor animal, a árvore, a erva etc.). Fonte e recurso, a natureza obseda, como a infância e a espontaneidade, através do filtro da memória” (LEFEBVRE, 2006, p.55). Pelas histórias das administradoras, pode-se perceber o cuidado e apreço que artesãos, idosos e outros cidadãos estavam envolvidos na transformação e recriação das sucatas na produção de brinquedos ou objetos de artes para as praças. Como é descrito por Cida:

Utilizamos materiais recicláveis diversos: reutilização de pneus, canos, prato descartável. [...] as artes com pneus foram todos confeccionados por seu Raimundo, um morador aposentado da comunidade. Ele apresentou interesse de confeccionar e de expor na praça; a associação comprou o material e ele fez todos brinquedos e as artes com pneus sem cobrar nada; [...]

As sucatas estão sendo levadas para as praças comunitárias para que as crianças possam viver experiências fundamentais para seu desenvolvimento, “como aventura, pesquisa, descoberta, risco, superação do obstáculo e, portanto, satisfação, emoção” (TONUCCI, 2020, p. 239). A combinação com diferentes materiais, como roda, pneus, paletes, garrafas pets e outros materiais não estruturados, são transformados em jogos e brinquedos, como: tabuleiro de damas, motocicletas, balanços, casinhas de bonecas; torna essas praças comunitárias em ambientes planejados que, não subestimou as possibilidades das áreas infantis.

A visibilidade do brincar e a participação das crianças nas praças comunitárias de sucatas, é compreendida como uma potencialização da experiência lúdica que deixa fluir o espírito livre da criança; É um interjogo – que significa tudo aquilo que se situa entre a experiência e o ambiente sob diversas formas, possibilitando-a imaginar, agir e criar cenas da

trama da vida. Assim, se acredita que os brinquedos de sucatas conciliam a brincadeira e a arte, juntamente, com a educação ambiental, na medida em que partimos da perspectiva de que é preciso educar o cidadão para a resolução de problemas ambientais. Um deles, de grande importância, é o destino que damos ao nosso lixo.

CONCLUSÃO

Apesar dos limites próprios de um estudo em desenvolvimento, a pesquisa buscou compartilhar as análises iniciais, com base nos questionários online, descrever um pouco da história das praças comunitárias, Amigos da Praça e da Praça do Amor, que construídas com brinquedos de sucatas nos espaços públicos da cidade de Jequié-Ba. se constituem um lugar de brincadeira e aprendizagens às crianças e adultos. Os achados apontam que tanto a praça do Amor, quanto a praça da Amizade, elas têm se configurado como ambientes planejados, de resgate do lúdico em espaços urbanos, com base em iniciativa popular, a fim de que não somente as crianças, mas pessoas de todas as faixas etárias, tenham a possibilidade de interagir com seus pares, resgatando as relações intersubjetivas.

Enfim, se compreende que o resgate do brincar, nas arenas públicas da Cidade Sol, requer esforços conjuntos e contínuos, entre a gestão local e a comunidade, a fim de que sejam levadas em consideração as necessidades, singularidades e desejos das crianças e outras faixas etárias a que se almeja atender. No entanto, outras questões se colocam em aberto: Como é a participação das crianças e que representa para elas essas praças comunitárias de sucatas? As crianças brincam de forma espontânea ou sob a influência de imagens de autoridade e de controle pelos adultos? Como será o retorno dessas crianças, após o período de isolamento social causado pela Covid 19?

Portanto, a discussão sobre os espaços lúdicos nesta cidade, e sua potencialidade para a plena expressão das dimensões socioculturais, emocionais, motoras e psicológicas infantis, por meio do brincar, é um tema que merece atenção pelos pesquisadores, pois inclui a reflexão sobre oferecimento e a qualidade dos espaços lúdicos infantis e nesse sentido, só ampliaremos nossa compreensão sobre o que é preciso assegurar às crianças, a partir do debate consciente sobre os aspectos que envolvem a temática.

REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2008, pp:

LEFEBVRE, Henri. Propósito da obra. In: _____ **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000), 2006.

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar; atividades e materiais**. 4ª Edição. São Paulo: Loyola 2001.

NUNES, José Horta. Praças Públicas na Contemporaneidade: história, multidão e identidade. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 53(2): 157-168, Jul./Dez. 2011. Disponível

em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636985>. Acesso em: 20 julho 2020

TONUCCI, Francesco. O Direito de Brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. DOSSIÊ TEMÁTICO: Perspectivas para pensar as cidades: infâncias, educação, democracia e justiça. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 16, n. 40, p. 234-257, jul./set. 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. (pp.361-378). **Revista Educação & Sociedade, Campinas**, v. 26, n.91 pp.337-712, Maio /Ago. 2005

SARMENTO, Manuel Jacinto. Introdução. Criança, cidade e cidadania. **Atas do Colóquio Internacional**, Guimarães/Portugal, dez. 2016. Edição Associação para o Desenvolvimento das Comunidades Locais. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/44495>. Acesso em: 28 jul.2020,15:51.